

# Carros puxam ingresso do Brasil na economia global

EDUARDO BRITO  
Editor de Economia

Os novos lançamentos da indústria automobilística instalada no Brasil, como o Palio da Fiat ou o Fiesta da Ford marcam o início de uma virada no mercado. Até pelo crescimento da produção do País, que traz consigo o interesse de novas empresas, as montadoras já trabalham com a perspectiva de um mercado completamente diferente. Nessa área, ao menos, o Brasil está, de verdade, fugindo aos padrões tradicionais e entrando na economia globalizada do Primeiro Mundo.

Isso vale para o grau de competição. "Em pouco tempo poderá dar-se por feliz a empresa que alcançar 15 ou 18 por cento das vendas no País, pois acabou o tempo em que se tinha uma montadora com 40 ou 45 por cento do mercado enquanto duas ou três brigavam por migalhas", diz o gerente de marketing da Ford, Rogério Goldfarb. Ele opera, claro, dentro da expectativa de instalação de ao menos mais quatro indústrias no Brasil.

Não se pode ser otimist demais. Na verdade, as próprias montadoras - extremamente bem informadas - duvidam das informações que circulam a respeito da vinda de eventuais concorrentes. Acreditam que em muitos casos são as próprias indústrias que fazem circular dados a respeito de um possível interesse no País.

A tecnocracia adora essas informações, que difundem a sensação de êxito da gestão econômica. Afinal, desde a época do Cruzado anuncia-se como certa a vinda de montadoras japonesas. Espera-se por elas até hoje. O Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, que concentra as informações do setor, sabe que definida mesmo só está a vinda da Renault e da fábrica de carros de passeio da Mercedes Benz.

Além delas, há negociações concretas e avançadas da Asia Motors, coreana com grande participação de capital norte-americana, e da Honda, que seria a primeira japonesa a produzir carros de passeio no Brasil. As duas até escolheram locais prioritários para instalar suas fábricas, mas não deram um só passo de que não possam recuar.

**Nível de produção** - Mesmo assim, a entrada de novas empresas é só uma questão de tempo. Até para as japonesas. E isso nada tem a ver com o Plano Real. Constitui um efeito do crescimento do mercado brasileiro, que deverá situar-se entre 2,5 e 3 milhões de veículos por ano até a virada do século. Ninguém pode se dar ao luxo de ignorar um mercado como esse, inclusive porque se precisa levar em conta as possibilidades abertas para exportações e importações.

Na última de suas vindas a Brasília, um executivo da Honda resumiu a situação: estável ou não a economia, nenhuma montadora japonesa se instalaria em um país com capacidade de absorção inferior a um milhão de unidades e com barreiras que praticamente impossibilitem importações e exportações.